

LIVROS E PERIÓDICOS

TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIA

X

TRANSFERÊNCIA DE INFORMAÇÃO

RATTNER, Henrique. **Tecnologia e sociedade**; uma proposta para os países subdesenvolvidos. São Paulo, Brasiliense, 1980. 184 p.

Partindo da definição segundo a qual "Tecnologia é o conhecimento aplicado à produção", Henrique Rattner, professor da USP, analisa o problema da transferência de Tecnologia das nações desenvolvidas para os países em desenvolvimento.

Baseado em teorias econômicas modernas, tenta colocar a questão da Tecnologia no processo de inovação da produção capitalista e suas relações com a ordem internacional, mais notadamente com o fenômeno da internacionalização do capital (propiciado pelo surgimento das multinacionais).

Discute o rol dos empresários nas sociedades subdesenvolvidas, seu fracasso na ação inovadora e na missão política, causa aparente da entrada do Estado e do capital estrangeiro nos setores mais dinâmicos da economia.

Descarta a argumentação de uma propalada neutralidade ou suposta natureza apolítica da Tecnologia e do Planejamento, constituindo-se em ideologia propícia à ascensão da techno-estrutura (tecnocracia) ao poder, sua dominação política e seu controle da produção. Para Rattner, as "mudanças em Tecnologia tornam-se equivalentes às mudanças culturais e, assim, os reflexos e repercussões podem afetar não apenas os hábitos, costumes e padrões de comportamento, como também a própria estrutura social e a distribuição do poder, da riqueza e do prestígio dentro da sociedade" (p. 60). E argumenta: "Uma nova Tecnologia pode ser considerada como a força impulsora de novas relações sociais; sua aplicação geralmente implica novos métodos de divisão de trabalho e novos critérios para avaliação da eficiência, geralmente associados a diversas recompensas sociais, de acordo com os novos valores e metas" (p. 60).

Em suma, parece não haver uma casualidade entre Ciência/Tecnologia e desenvolvimento econômico. No caso dos países em vias de desenvolvimento, tratar-se-ia mais de um "crescimento econômico", que aumentaria aumentando a dependência econômica e política e reprimindo a autonomia cultural e nacional. Em última instância, a "transferência de Tecnologia" seria responsável, graças aos investimentos estrangeiros, pela "transferência de poucos recursos dos países pobres para os ricos" (p. 65).

A causação parece clara: "as empresas que alugam ou licenciam tais técnicas não concordam facilmente com a transferência de seu know-how, a menos que lhes seja assegurado o controle total de sua aplicação" (p. 66), sendo que, na prática, transfere-se tecnologia obsoleta para garantir "a concorrência menor das economias em desenvolvimento no mercado mundial" (p. 66).

Coloca o problema da geração do conhecimento, afirmando que as "pesquisas tecnológicas geralmente são realizadas na matriz da empresa, que assim assegura o controle do suprimento de **know-how** às filiais e outras empresas dependentes" (p. 73), o que parece explicar a ausência de bibliotecas e centros de informação nas indústrias do Brasil.

Ao contrário do conhecimento científico, que é difundido, em razoável proporção, pelos veículos convencionais de difusão (revistas, anais de congressos, filmes e vídeo-fitas), "a difusão do **know-how** técnico, geralmente de propriedade das empresas, é bastante dificultada, senão impossível, em decorrência da proteção legal outorgada aos seus proprietários por meio de patentes. Obviamente, a cessão de direitos de uso ou a transferência de **know-how** são objetos de transações comerciais, praticamente idênticas ao comércio de patentes" (p. 76).

O problema seria simples se houvesse justiça e equanimidade na transação, mas a dificuldade estaria, exatamente, no dimensionamento do custo dos **royalties** e sua amortização. No afã de lucro e de vencer a concorrência das competidoras, a empresa opta por "pacotes" tecnológicos de produtos já testados, em vez de arriscar-se na tentativa de implantar **know-how** nacional de viabilidade duvidosa. Daí a necessidade da "formulação de políticas tecnológicas visando o

LIVROS E PERIÓDICOS

desenvolvimento da capacidade nacional de inovação, a qual asseguraria também maior congruência entre esta e os objetivos e valores culturais da nação" (p. 77) e garantiria um controle mais efetivo da transferência de Tecnologia.

"A Tecnologia constitui um meio, e os objetivos específicos que ela persegue, 'por si', estão subordinados a objetivos mais gerais, de categorias sociais superiores." (p. 91.)

A "... transferência de Tecnologia somente ocorre quando há assimilação, absorção e incorporação dos conhecimentos, fortalecendo a capacidade nacional de inovação", daí a necessidade de "uma verdadeira política de transferência de tecnologia", que "implica uma política de recursos humanos, a qual, por sua vez, exige uma filosofia, uma definição de valores e objetivos, a partir dos quais seria possível derivar programas e projetos operacionais" (p. 92).

E seria possível (o comentário é nosso) derivar melhores políticas de seleção de material informacional para nossos sistemas de informação, que ainda carecem de objetivos explícitos, tendo em vista a ausência daquelas definições reclamadas por Rattner. Se as bibliotecas e os centros de documentação secundam e apoiam a formação de

recursos humanos e as tarefas de pesquisa, sua justificativa em termos de eficiência (e não de eficácia) estará na estreita relação com a política à qual se submete.

No final de sua obra (que é mais uma coletânea de ensaios do que um texto sincronizado, redundando em muita sobreposição de informação), Rattner propõe um modelo de desenvolvimento científico e tecnológico alternativo para os países subdesenvolvidos, como fórmula para ajustar-se às suas realidades e para evoluir do mero crescimento a um cabal desenvolvimento econômico. E parece propor uma definição mais ampla de Tecnologia: "Na sociedade industrial contemporânea, a Tecnologia é a corporificação da relação social entre o capital e o trabalho, expressa tanto em máquinas, equipamentos e processo, quanto em técnicas de comunicação, manipulação e de controle social" (p. 138).

*Antônio Miranda
Chefe da Divisão de Ensino
e Pesquisa do IBICT*